



Este jornal levou seis meses para ficar pronto. É bom que se diga, que apesar do nome (jornal do crusp) muitos poucos cruspianos se quer sabem de sua existência, e um número considerável jamais o leu. Espanto so!? Não, normalíssimo! Mas perigoso... É sinal de que nem tudo vai bem por aqui.

Isto posto, a questão colocada é a seguinte: se a "coletividade", não faz o seu jornal, vale a pena concretizá-lo? Só para dizermos que, afinal, não somos tão bagunçados assim, temos até um jornal. Porém, isso basta? Não!

É óbvio que a forma com que é feito este jornal reflete o nível de de sacregação e coesão nossa. Mas, isso não será para sempre. Não será certamente pela desmobilização e falta de interesse dos estudantes, que alguns outros deixarão de fazer o que lhes satisfaz, especialmente no caso do JC.

Esta é a 8ª edição dessa publicação que existe, acreditem incrédulos e crentes, desde novembro de 79. A ideia inicial era criar um canal de informação, comunicação e intercâmbio entre os moradores. Nossa realidade, de por si mesma, diz tudo a respeito das intenções, dos objetivos alcançados.

"APESAR DAS DEMOLIÇÕES" dos blocos I e H, o Crusp continua vivo, pulsante, vinte anos depois de sua construção, agora em nova fase: com a COSEAS assumindo suas responsabilidades, com portarias instaladas, telefone para receber recados. Falta pelo menos um telefone direto, pois nos fins-de-semana, é a única forma de comunicação com a cidade.

As portarias eram a grande celeuma interna. Para alguns, seus objetivos são claros, controle de entrada e saída de pessoas, quem mora, quem é hóspede, quem é visitante, etc... Outros entendem ser paranóia esse papo de controle, pois tem alguns que querem todos os benefícios do Estado (estudo, moradia, alimentação e lazer), sem dar nada em troca. Resta-nos saber em que galáxia estes habitam. Ambos os lados não deixam de ter lá suas razões.

Os porteiros estão aí, a Coseas assume-nos depois de 3 anos na berlinda. E para os que dizem que com Montoro, tudo continua como antes, estes acontecimentos, me parecem são mais que suficientes para vermos de que há algo de diferente no ar: a) Os prédios foram detetizados; b) a Coseas recuou na cobrança de taxas; c) aceitou os alunos especiais; d) critérios de seleção ainda conosco; e) levantamentos para futuras reformas nos blocos; f) continuamos autônomos, priorizando nossas reivindicações perante a universidade.

Sim, as reformas, ainda não estão claras quando vão começar. Porém, a persistir nosso marasmo, as verbas disponíveis podem mofar e desaparecer, com um passe de mágicas. Tudo depende de nossa capacidade de nos mobilizar. Para isso vem aí, o I Congresso de Moradia do Crusp. Tá uma boa oportunidade de repensarmos a moradia de 79 até hoje: o que deu certo, o que ficou no projeto, quais as perspectivas, como fazer para arrumar vagas aos futuros cruspianos.

O Congresso é uma boa oportunidade para exorcismos demônios, reavivar a memória, através de um resgate da história da retomada da moradia, em 08 de novembro de 79, 11 anos depois que as tropas do II exército acabaram com uma experiência única, cheia de liberdade, como era o Crusp até 68.

Discutir e viabilizar formas de melhor viver. Quem sabe se deva realizar nossas festas, um bar para moradia (há! Que saudades do DZABAR!), campeonato de cuspe, xadrez, futebol, cine-club, etc... essas são ideias. Passemos a concretizá-las!

Julio

EXPEDIENTE

JORNAL DO CRUSP - nº 8 - inv/prim. - setembro/83

TEXTOS: Alexandre Mazza, Alonso, Cesar, Kimo,

Julio, Nica, Rosana, Roberto, Poeta, Rosa.

ENTREVISTAS: Roberto, Lúcio, Cláudio, Rosana, Geraldo e Julio.

POESIAS: Tabajara, Carlos Vaz, Malafafa, Xico Dias, Cesinha.

Colaboradores

COLABORADORES: Gustavo Ventura (C. Sáfada), Pachi (Filo),

Artaud (M. ETC), Centro de Estudos "DR. SMITH".

DESENHOS: Cesinha, Praxedes, Joel, André (contra-cap), Julio Wainer (capa).

DIAGRAMAÇÃO: Cesinha e Julio (ilustr., mont. e art-final),

Berton (mont.), Mônica, Rosana, Lúcio, Roberto, Tony,

Gil, Denise, Julio, e Secr. do Compromisso (composição).

FOTOS: Francisco Rosel (p. 24 e capa) e Berton (p. 6).

EDITOR RESPONSÁVEL: Julio.

Gráfica: Roberto

“APESAR DAS DEMOLIÇÕES”

APESAR DAS DEMOLIÇÕES, é uma tentativa de denunciar e registrar das maiores afrontas às conquistas estudantis, que é a demolição dos blocos I e H do Conjunto Residencial. O Crusp começou ser construído em 1958, inaugurado e invadido em 1963, por um grupo de 150 estudantes; tinha 1.400 moradores em 68, e hoje já somos quase 800. Nos blocos demolidos se reformados, caberiam mais 250 estudantes. Durante estas demolições, nem uma única nota de protesto foi emitida pela atual diretoria do DCE. Quando o atual reitor assumiu, deu declarações à imprensa: "as coisas vão mudar, ninguém vai esquecê-las, e não pretendemos abrir mão de implementar mudanças". Na Prefeitura Universitária, Maria Adélia e todo o antigo DSV, com Scaringella e tudo, formam o novo bloco de poder. Já deixaram marcas: lembrem-se do show da reconstrução, de soldados da rota reprimindo estudantes dentro do campus, ferindo a autonomia universitária? Quem será que os chamou? Quem deu a ordem para que reprimissem?

APESAR DAS DEMOLIÇÕES, está repleto de artigos, contos, prosas, poesias, uma entrevista com o Fundusp, matéria sobre Nicarágua, uma viagem ao mundo alucinante de Artaud, opiniões, ideias, reportagens, tudo é motivo para se fazer esse jornal que deixa de publicar vários textos recebidos, por absoluta falta de espaço e money.

APESAR DAS DEMOLIÇÕES, abre as comemorações dos 20 anos de existência do CRUSP, de 4 anos de retomada da moradia, e convida a todos os moradores a organizarmos atividades para marcar este evento, em novembro. Lembremos mais uma vez, um velho ditado chinês: "Se quiseres fazer algo, chame os mais ocupados, os outros nunca terão tempo...". O chamamento está feito...

para Ive e Poleta, por tudo
quanto me compreendem, ami-
gos do peito.



"Le soleil brille dans le ciel", primeira frase que aprendi do francês. Esqueci quase tudo, mas a frase virou dogma. Contava dez anos de idade e vivia os outros, já arquivando alguns cartões vermelhos. A segunda frase era "le ciel est clair". Não sabe aquele sereno grisalho que com as suas lições de língua estrangeira introjetara um germe em carne pública. Ginásiano, acostumado a venerar autores mortos, far-se-ia discípulo daquele que, feliz e infelizmente, no primeiro contato com a poesia. O próprio Van Der Hagen, parado em um dos corredores da Escola de Letras que dirige, viajaria nos poemas expostos em mural. Certamente, jamais imaginaria sua relação transitiva com a força que deu-lhes vida. Naquela e nessa exposição, antes de querer aparecer e divulgar-se, quis o poeta livrar-se daquilo que concebe como "fardo". Aquela fardo que, como iniciante, reproduz em migalhas. Criar é uma necessidade.

Acredito no homem como experiência anterior, registro de dados. Por isso ouço a cantora "quero ver de novo a luz do sol" cantando desvairadamente. Verbo afirmativo e reivindicante querendo ver o que foi visto; sentir o que já sentiu. Sol astro central gerador de luz - calor. Sol que não existe, sol efêmero, Godot. Luz do sol é busca ou espera, fuga para o ideal. Luz do sol são canções soltas em fita magnética, arquivo em cada um de nós, orfeões eternos de alguma coisa, de alguma paixão, de algum amor.

Não existe aqui espaço para falar de amor. Após a moderação, retorno à velocidade, e questão faço de ganhar cartões vermelhos. Falar do amor é falar do que não sei, dúvidas que o sentir espalha.

Não existe aqui espaço para falar de amor. Quero ver a luz do novo sol. É violento, mas prefiro esquecer, apesar da força que me impõe este tratar, embora não consiga palavras, nem clima, nem sentimento puro. Recapturado, odeio as grades. Mas generoso, não obliero o tudo: novo sol, apesar da severidade, ainda consegue ser afetivo. Sei ser forte contra os cartões vermelhos institucionalizados, porém fez-se dor aquele teu.

Nunca pensei que o amor "vive ao luar". A bem da verdade, pensava-me imune, amor parado, e que de mim só haveria amor para mim mesmo: ofereço-te um poema escrito a merda. Dor da alma e mentira e solidão de poesia e ilustração.

Não gosto da escuridão nem da penumbra. Não gostei dos tempos de "le ciel est noir". Já fez parte, agora é tarde. Por um novo sol faço-me tão leve quanto as ondas erosivas de um mar revoltado que, docilmente, destrói fortalezas. A luz da dúvida, no caos, sou perplexo maneirista. Se até a entidade me trai, renego-a, embora persista. Busco a luz do sol novo, aquele do tempo-já. (comele)

A paixão é como uma dose de cocaína (pode mais). Vive-se passado e futuro para não ver o presente, para não conceber o que lá além dos olhos: ignora-se (machuca) as excelências do "filtro" e do "germe", fazendo-se rapina.

Mas eu só queria me livrar do fardo, sem história, limpar o filtro, companheiro solitário, e desgastado em presença vã. Nós, sem história, pelo silêncio, em silêncio.

Beckett soube do silêncio, solidão, silêncio... silêncio... todos dormem... sossegadamente, enquanto na praça / do bidê, um casal beija a fantasia e atira moedas na fonte dos desejos. Um, no momento, queria o outro, de qualquer maneira, de maneira que eu tivesse apenas no desejo, o labor de frustração e perda.

Eu também não quis enxergar, desolando-me. Habismo que separa o escritor do homem do mundo", meu caro Prudst.

Nota: O título
em inglês de
este livro é
"Amoroso".

Quero
que
ainda
tenha
um
problema
na
sua
vida.

AM

O

R

O

S

I

Entrevista com o
Prof. Lauro - Dire-
tor do Fundusp e ex-
prefeito da Cidade
Universitária e com
o engenheiro Gilbert

FUNDUSP

UMA DESGRAÇA...!

Lúcio - Professor,
por que os prédios,
principalmente os do
Conjunto Residencial
da USP, não oferecem
o mínimo de seguran-
ça?

Prof. Lauro - O cam-
pus da Cidade Univer-
sitária não oferece
o mínimo de seguran-
ça, não só os prédi-
os, aqui acontece de
tudo, roubam, que-
bram. Segurança não
tem em nenhum lugar,
é a coisa que estou
pedindo a quatro a-
nos, para ver se te-
nho um pouquinho de
segurança, agora,
qualquer prédio in-
clusive o do Crusp.
A prefeitura e o Fun-
dusp não têm nada
com isso, porque a
prefeitura não toma
conta de prédio, ela
toma conta de área
comum e o Fundusp
também não tem nada
com isso porque ele
constrói e entrega
para o diretor do ór-
gão. Manutenção e se-
gurança deve ser fei-
ta pelo órgão respon-
sável: Fau, o dire-
tor; Poli, o diretor;
Reitoria, o secretá-
rio geral e o Crusp-
se é que é da Coseas
ela que deve tomar
conta.

Lúcio - A segurança
do Crusp está ligada
a Coseas?

Prof. Lauro - Tudo,
tudo. Ela toma conta
da Farmácia, do res-
taurante em termos
de segurança e manu-
tenção.

Lúcio - Quando o Pro-
fessor constrói um
prédio, ele entrega
no nível de seguran-
ça devido?

Prof. Lauro - Não me
venha com a responsa-
bilidade de ter cons-
truído aqueles pré-
dios, porque não fui
eu quem os construiu
nem quem os planejou
e projetou e nem fui
eu quem entregou.

Lúcio - Fizemos um
levantamento, temos
informações de algu-
mas firmas e fizemos
uma comparação entre
as obras que o Fundu-
sp constrói e obras
construídas direta-
mente por outras fir-
mas sem passar pelo
Fundusp, chegamos a
conclusão que as o-
bras que passam pelo
Fundusp custam em mé-
dia 20% (vinte por-
cento) mais cara. Co-
mo exemplo da Mate-
mática, que se fala

tanto, gostaríamos
de saber o que o Pro-
fessor tem a dizer.

Prof. Lauro - Isso
ai é a maior balela
do mundo, porque o
que aconteceu: o Fun-
dusp não constrói
mais caro e nem mais
barato, ele é obriga-
do a construir de ac-
ordo com as normas
do governo de Estado.
As normas do governo
do Estado exigem o
seguinte: que você

cadastre as firmas,
dentro de determina-
das quantias tem que
fazer concorrência
pública, tomada de
preço ou em caso de
emergência você pode
contratar uma firma
porque pegou fogo,
quebrou. Isso porque
é obrigado a fazer.
Será que os caras
são malucos, por que
cada prédio, cada u-
nidade não passam a
construir? Se a mate-
mática, a Física ou
a Reitoria pode cons-
truir mais barato,
por que eles não con-
strõem? É porque pre-
cisa fazer o projeto
fiscalizar a obra,
que material necessi-
tam e o diretor de
escola não pode fa-
zer essas coisas. Po-

de fazer em casos de
emergência, mas não é
função de fazer todo
dia. Se você chegar
numa turma de psico-
logia, você não vai
fazê-la tomar conta
de obra, fazer con-
corrência pública e
prestar conta ao Tri-
bunal de Contas do
Estado. Então a Rei-
toria foi obrigada a
criar o Fundusp, que
é aquele que faz o
projeto, licitação e
fiscaliza a firma
que executa as obras.
Isso custa dinheiro.
Porque o que aconte-
ce é que quando você
vai fazer a obra di-
reta, você chama uma
pessoa em sua casa
para fazer a sua o-
bra, não tem que fa-
zer contrato, licita-
ção e nem tem que
comprovar nada. O ca-
ra faz a obra e você
dá o dinheiro para e-
le, ele vai embora.
Aqui precisa fazer
tudo isso, depois
julgar a concorrên-
cia, precisa mandar
para o Tribunal de
Contas para que ele
possa aprovar as su-
as contas. Isso cus-
ta dinheiro. O que
você viram na Mate-
mática? A tal histó-

ria da Matemática
que é uma maravilha.
A estrutura estava
feita, o prédio esta-
va funcionando, eles fe-
charam meia dúzia de
paredes, isso até eu
faço. Agora projetar
uma estrutura, agora
falo como engenhei-
ro, que precisa de
fundação, calcular
estrutura, construir
a estrutura, depois
fazer o telhado, por
que essa besteira
que fizeram ai de te-
lhado plano, não há
quem aguarde, numa
terra desgraçada que
faz calor de 30º e
depois 7º noutro dia,
não há material que
aguarde, então tem
que botar telhado. U-
ma estrutura feita,
fechar a (quatro) pa-
redes, até eu faço.
Mas vá ver lá, fi-
zeram um negócio, não
fizeram nem eletrici-
dade. Esqueceram de
botar os conduites.
Olha aqui, filho nin-
guém faz milasres e
os caras que estive-
ram antes de nós não
eram todos burros,
não somos nós que va-
mos ensinar... se
tem um troço feito
deve ter tido alguma
razão. Não vamos par-
tir do princípio que

todos são cretinos,
só nós que chegamos
agora fiquemos inte-
ligentes. Depois da
como o governo. Tal,
eles eram intelligen-
tes iam resolver tud-
em 10 minutos. Estão
há 55 (cinquenta e
cinco) dias e a uni-
ca coisa que faz é
xingar os outros.

Lúcio - Mas o Profes-
sor concorda que sa-
iu 20% (vinte por cen-
to) mais barato da
Matemática?

Prof. Lauro - Não,
não concordo em hipó-
tese nenhuma. É evi-
dente que pode ficar
20% mais barato, não
levou estrutura, fun-
dação, não teve te-
lhado, não botou con-
duite. Vai lá ver co-
mo está acabado o
serviço. Eu não rece-
bi aquele serviço.
Vai ver o chão como
está, o tipo de mate-
rial que está lá. Me
conta quem é que fez
uma obra, prova que
foi 20% mais barata
aqui que não foi o
Fundusp que fez, se
você trouxer, aí eu
entrego os pontos.
Quero uma obra de co-
meço. Dá um terreno
com capinzinho, fa-
zer o projeto (...)

me traz um exemplo que eu entrego os pontos. Enquanto for "babau" é que nem quando falava "vote no PMDB para mudar", mudou?

Roberto - Mudou, saiu Maluf, Marin, entrou Montoro.

Prof. Lauro - Você que está dizendo.

Mucio - O Professor sabe: "é preciso mudar" mas quanto as reformas que foram feitas no Crusp por que não foram fiscalizadas pelo Fundusp?

Eng. Gilbert - Elas foram.....

Roberto - A última? Prof. Lauro - Gilbert você pode responder.

Roberto - Nos últimos 8 (oito) apartamentos do 19 (primeiro) andar do bloco A?

Eng. Gilbert - Tem que perguntar ao Roberto...

Prof. Lauro - Eu não fiz, não sei.

Roberto - Foi feita pelo Fundusp, a licitação, a reforma quem ganhou foi a firma Kaiser Cury e está sub-locou os serviços. Foram feitas as reformas de 8 (oito) apartamentos. Reivindicamos da Prefeitura, naquele tempo não tínhamos nada com a Coseas, era através do gabinete do Reitor, foi liberada uma verba por volta de 4.500.000, (quatro milhões e quinhentos mil cruzeiros), que na época era suficiente para

na fazer os reparos nos 8 (oito) apartamentos. Foram feitas as "reformas" mas faltaram guarda-roupas, troca de vidros e portas e algumas coisinhas mais que constavam do contrato e não apareceu lá nenhum engenheiro-fiscal do Fundusp.

Eng. Gilbert - Roberto, você encontrou comigo várias vezes no Crusp (...)

Roberto - Mas foi no bloco F, que apesar de muitas vitórias e orçamentos continuava na mesma.

Eng. Gilbert - Não tem obra executada pelo Fundusp que não tinha um fiscal presente, sem engenheiro diário na obra, isso é mentira. Já te atendi várias vezes, já encontrei com você na Coseas várias vezes, não estava passeando, estava interessado na obra, fazendo levantamento. Não existe obra que o Fundusp executou sem fiscalização. Se a verba que se encontra a disposição do Fundusp, não deu para fazer tudo não é culpa nossa. O orçamento do fundo é feito e acompanhado, quando o orçamento do fundo, há uma discrepância com a contratação dos serviços, isso é levantado senão não podemos contratar uma obra cujo preço do empreiteiro seja muito discrepante do

nosso, isto não existe, você precisa trazer fatos concretos. Firma tal, contrato tal.

Roberto - No Crusp temos documentos referentes as reformas. Foda é tratar com os techno-burocratas da USP, porque quando se diz que há algo que não foi feito direito ele se arvoram e com o discurso com petente dizem: e mentira (...)

Eng. Gilbert - Porque é mentira que as obras do Fundusp (...)

Roberto - Aquilo que muitos vêm mas não denunciavam, por serem coniventes ou...

Eng. Gilbert - Eu sinto isto com agressão. Quando você veio a primeira vez aqui, a informação que tive de meus colegas é a seguinte: esse cara é um chato, vem dar palpite no que ele não entende. Eu digo, não, todo mundo para mim tem crédito a partir da hora que começa deixar de ter. O problema é o seguinte (...)

Roberto - Eu vinha no Fundusp porque queria, mas dada a uma necessidade.

Eng. Gilbert - Nós a acompanhamos todas as obras, eu mostrei o processo para você, nunca houve problema. Mas depois acabou, foi um dia, eu não aceito..

Roberto - Eu poderia ter movido um prece-

so contra o Fundusp. Eng. Gilbert - Esta a disposição.

Roberto - Nós gostaríamos de saber disso, principalmente eu que enquanto estudante-morador fui escolhido no Crusp para integrar a comissão tirada em assembleia do DCE-USP (1980) para acompanhar a questão das reformas junto com um diretor do DCE, o presidente do Grêmio da Poli e um diretor do GFAU, inclusive com o aval da Reitoria. Chegamos ao Fundusp e vimos o montante da verba liberada 4,5 milhões, de dois solicitamos o quanto foi gasto para reformar os 08 apartamentos do 19 andar do Bloco A, veio \$ 3.810.550,00, dado fornecido pelo Fundusp.

Eng. Gilbert - Então faz o seguinte (...)

Roberto - Tenho a dizer que quando a obra estava terminando telefonei ao Fundusp, para saber se não viria o engenheiro-fiscal para verificar o serviço, uma vez que a empreiteira estava entregando

a obra, ou melhor, as chaves dos apartamentos, sem que houvesse alguém do Fundusp (...)

Eng. Gilbert - Isso é verdade.

Roberto - Para que a gente pudesse verificar o que faltava fazer, porque a emprei-

teira não podia entregar os serviços incompletos, sem dar uma explicação clara.

Prof. Lauro - Agora está começando a ficar claro.

Roberto - É nesse sentido que estou fazendo a pergunta.

Prof. Lauro - Agora sim.

Eng. Gilbert - Um dos engenheiros se dirigiu à empreiteira e disse que terminando os serviços que lhe passasse as chaves para que fosse encaninhada para a diretoria do Fundo. Inclusive ele na ocasião queria saber para quem seria entregue. Houve uma confusão do empreiteiro e você ajudou muito telefonando, então a coisa foi acertada.

Prof. Lauro - O que acontecia naquele tempo, era que nós não sabíamos o responsável pela obra, porque às vezes o Dr. Fonseca era o dono da obra, às vezes não. Depois que o Denizard assumiu o Crusp, tornou-se a Coseas responsável pela obra.

Roberto - Eu quando soube que estavam entregando a obra e ainda faltavam guarda-roupa, troca de vidros, portas e algumas outras coisas mais, disse ao pesso-

al do andar que não entrasse e que exigissemos a reforma necessária.

Prof. Lauro - É lógico.

Eng. Gilbert - Você lembra quando iam reformar o 5º e 6º andar do bloco A, a parte elétrica, os alunos não estava de acordo e vocês me procuraram, eu me lembro que disse:

não adianta dizer que é ou não, eu não aceito falar - acho que não é bom. Foram tiradas as luminárias, para que a reforma não se efetivasse nós tivemos que anular a licitação e tivemos que fazer uma nova, para fazer uma coisa em melhores condições, porque os alunos tiraram as condições da primeira licitação, evidentemente que ficou mais cara, os alunos levaram a coisa embora, levaram luminárias, fiação, lâmpadas (Nota do JC - A reforma elétrica exigida pelos moradores do 5º e 6º andar do bloco A foi tal como a do bloco F. A empreiteira após completar o serviço levou os fios antigos e deixaram a sucata: luminárias e reatores que nem eu e nem o Fundusp quiseram ter o trabalho de tirar do bloco. Isso foi vendido e o dinheiro ficou para o Jornal do Crusp e



(o sótão ficou limpo.)

Eng. Gilbert - Você compreende o problema, o que está fazendo é um denominador comum. Vocês falaram no começo sobre a segurança dos prédios. Aqueles prédios foram construídos com segurança, existe um problema também, o bloco F estava abandonado (...) parado para reforma e depois foi invadido, por isso ele não pode oferecer condições nenhuma. Você certa ocasião me disse que se todos tivessem vontade de morar bem fazer as coisas direito, seria ótimo. Evidente, Roberto, se uma verba é colocada à disposição quanto mais render, está rendendo para a Universidade.

Prof. Lauro - Vocês querem provar o quê? Vocês querem provar que eu ou o Gilbert estamos ganhando dinheiro da firma, isso que vocês querem provar?

Roberto - Não...

Prof. Lauro - Se é provar isso pode provar.

Roberto - Estou querendo saber como a reforma se deu, a real condição, porque o tratamento dado a FAV, a Poli, a Reitoria não é o do Crusp? Por exemplo: no caso das reformas hidráulicas dos blocos

A e F., que a empreiteira enroicou, levou a grana que os moradores reivindicaram e hoje os problemas continuam, porque não houve revisão. Quando alguns moradores tinham problema muito grave, pagavam ao funcionário da Coimas ou outra pessoa qualquer para fazer o serviço, porque nesta hora não existe quem fosse responsável pelo Conjunto Residencial e ainda continuam sem os reparos e a manutenção. Prof. Lauro - Se era para enrolar a empreiteira fazia, mas não no nosso nível. Roberto - Claro que não é no nível do Fundusp.

Prof. Lauro - Vocês devem nos comunicar quando isso acontecer.

Eng. Gilbert - Isso para nós é muito importante. Eu fico muito aborrecido com certas informações que fazem porque realmente existe um esforço do Fundusp, ele não é perfeito não, mas procura-se chegar lá. Então se faz de tudo - nós brigamos com a empreiteira, exigimos, aplicamos multa, fazemos de tudo, brigamos com nossos fiscais, estamos controlando. Desde o primeiro dia que entramos aqui, vou repetir as palavras do Prof. Lauro,

que você já deve ter ouvido falar, nós somos uma firma, uma firma sui-generis, é verdade, uma certa característica atípica e tudo mais. Ela não existe sem cliente, uma firma, sem cliente não existe, o cliente nosso é a Universidade de São Paulo, para funcionar se for aluno, professor, independente. Nós fazemos obra para aluno, professores e funcionários. E o aluno aqui em quantidade maior, se não atender aluno é perder tempo, não adianta fazer o melhor sala de aula, se o aluno não vai se sentir bem lá dentro, se não vai assistir aula, não.

Adianta. É tudo uma coisa só, seria bom eu agradar os professores fazendo uma sala só, boa, enorme. Prof. Lauro - Vamos começar a conversar direitinho. Para mim isto aqui é só responsabilidade com nenhuma vantagem, para mim o melhor é ir embora, porque eu não precisaria estar dando explicações para vocês. Eu acho que tenho que fazer, tenho que dar explicações a vocês, minha obrigação de ajudar para tudo ficar melhor. Vocês, a Universidade, querem que o Fundusp funcione como uma empresa privada com tudo funcionando direitinho e

vocês pagam salário de funcionário público. Que culpa tenho eu que fiquei fazendo uma força louca neste princípio de governo, para convencer os empreiteiros - o que o governo diz é o seguinte: 30 dias depois da entrega. Eu já tenho lá na reitoria em torno de 40 milhões de cruzeiros para pagar. O Reitor tem culpa? Não é a Secretaria da Fazenda que não dá o dinheiro. Então o empreiteiro quando entrar na outra concorrência em lugar dele botar 40% ele põe 80%. O Fundusp está desgraçado, porque ele é um órgão público que tem que ter a eficiência de um órgão privado.

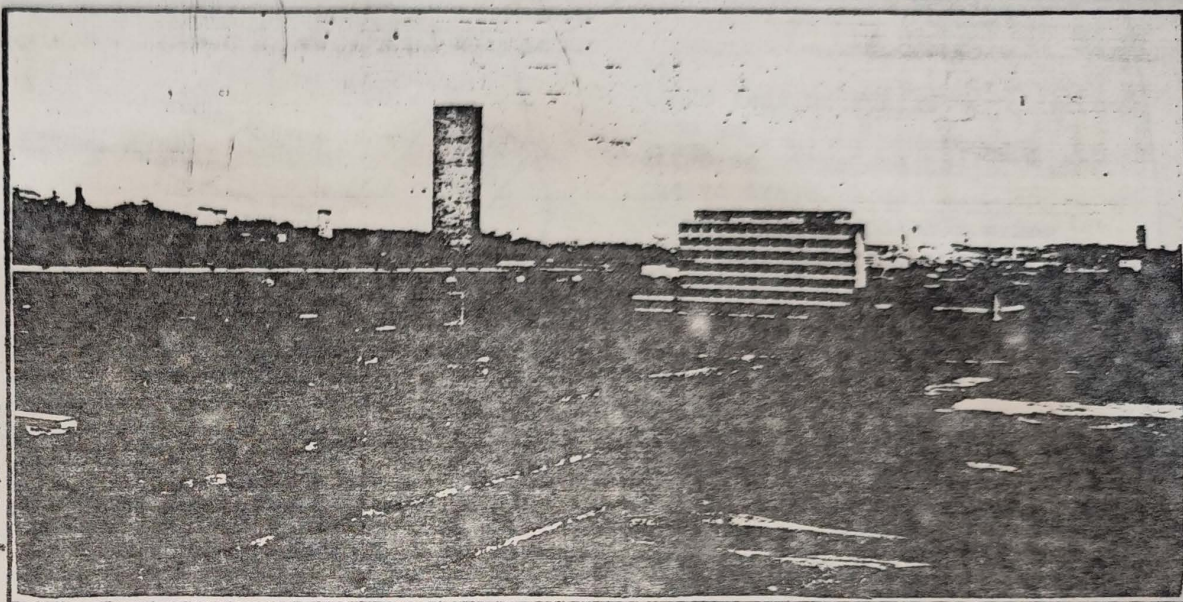
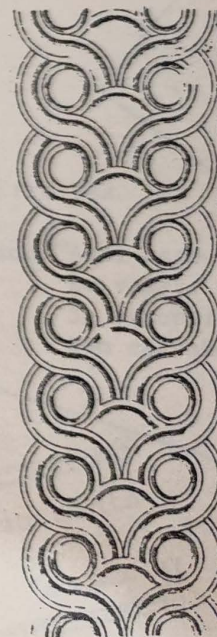


Foto: Bertoni





das cores
pelo prisma
coloro teu ser

odores de
flores
que se esvaem
no vento leve
da planície. 1b..

festa, chiclete & confete

depois de tanto confete
tanta festa e dança
tanto amor e chiclete
tudo balança
rodopia mexe
e de novo
nova festa
e mais outro chiclete
mas insisto
tudo balança
rodopia e mexe
prá não sair
do mesmo ponto
ao sucesso
com hollywood

casulo moderno
no início fez-se o verbo
e o homem rude
feio, peludo
quase um macaco
vagava nas florestas
nômade como borboleta

não havia tempo
tampouco medo da morte
havia nada
mas em verdade
tudo havia

contando porém a história
o tempo corre e corria
e assim um belo dia
por uma besteira qualquer
um irmão o outro matou
e o vagar outro se tornou

agora com medo da morte
com pressa de chegar
a barba feita
logo ao acordar
esse velho quase macaco
já não tem asas prá voar
preso que está
no seu casulo moderno

poema do silêncio

silêncio!!! (autoritário)
silêncio!! (com medo)
silêncio! (com procura)
silêncio! (com amor)
silêncio! (com dor)
silên
si
s

olho
finco faca na guela.
fumo um
atrás do outro que beijo
cheiro brejo.
curto e breve: -passa a grana.
mato tira, atiro a roupa.
nú, viado com honra.

ato de fé de porca.
no parque D. Pedro, eu mato.
no largo da Concórdia, eu choro.
no centro de Itaquera, eu grito,
na cadela discarrego (descarrego?)
e descanso na cadeia.
cadê tua língua moça?
o ladrão falou com ela.
eu te amo cara.

Carlos Erre Vaz

livro publicado, "Aqui estou.
De vagar.
Se atropela.
Com carinho."

ramón quedava quieto em su canto
e o som
incoerente

VENI AI...
DESEMPREGO!

NZINE

LEIA E
ASSINE FOME

ILUSTRADO

KNUPUXKR

KLUNK

TOTTK

VNRVSP

WAR

THEND

DECADENCIA

BUD E FEL

KLUNK

KLUNK

SÃO PAULO

SANTO AMARO

NO CRUZEIRO

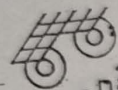
PUNK
GIRL



EXCOMVN GADOS

NI
40
PER
CA

PANICO NA



...não fosse eu o mundo seria feliz

fora o mundo
eu tenho a felicidade
no bolso da minha nudez.

Tabajara



BANDEIRA DO MUNDO

De-me uma bandeira colorida
sem letras ou estrelas
Também não a quero listada
e jamais um mastro pra amarrá-la
pois ela será fincada no mundo
O vento que a sacudira no ar
não será o das comemorações ou dos hinos
mas sim o das canções
que sopram do peito para o ar livre
Quero uma bandeira apenas colorida.

Francisco Dias
F 309

DISTANTE SONHO

A lua parece hoje mais distante
da Terra, das nuvens e das mentes,
mais do que nas outras noites
Como a refugiar-se dos poetas
que a querem amante,
para assim seguir seu caminho.
Distante talvez porque não via teus olhos
ou talvez porque as mãos não tocavam teus seios
não sei...
Distante do sonho, a lua



Quero que falem de mim
daqui a muitos séculos
como algo de bom
como um ser que se completou.
Quero sim, a minha história
em meio a história
pois meu ego ainda precisa.
Mas quero, por outra parte
em que me teço
em filosofia e arte
ficar em essência mais pura
mais límpida, por isso eterna
feito verdade que se declara.
Feito! Quero ficar feito
e cantar, cantar
a vasão da alegria, de jeito
a deixar entrever-me o peito
e transpassar-me, água funda
em leito de leite
em que se deitem
num futuro contemplativo
os meus continuadores:
homens mais felizes
e mais felizes porque mais gente.
Então, me desdubro em conflito
depois me recolho e, contrito
recolho, do repouso, minha nata
para deixar-lhes, homens
do que é ser um ser
uma consciência mais exata:
o gozo da razão
ao compreender seu próprio gozo
que não está no corpo
que é do coração
mas no pensamento
que se orgasma infinitamente
apreendendo a clareza
compreendendo a essência
a essência da compreensão.

Minha 1ª Ata ao Processo

EDUARDO SANTOS MALAFAIA

NOITE

Corposamente paulistana.
Em largas gotas.

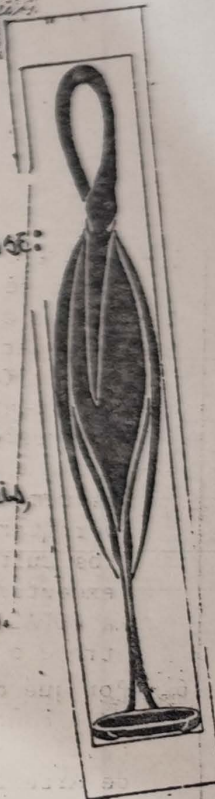
Tal qual Wood Allen em Manhattan,
Muitos atores e nenhum

às vezes, como hoje.

Poderia parar sentado
nos meus roteiros,
Enquanto Paolini dissesse:

"A morte não é não poder
comunicar,
mas não poder mais ser
compreendido."

Ao sonho que realizei um dia,
Entre chichês Adams
e um beijo dos Almeida.



27.04.83

César

O coordenador da CODAC, professor Erwin Rosenthal, concordou em dar uma entrevista para o Jornal Crusp nº 8, desde que as perguntas fossem entregues por escrito. Cumprida a exigência, o professor Erwin começou a criar empecilhos, exigindo mesmo que algumas perguntas fossem retiradas ou reformuladas, por considerá-las "provocativas". Porém, quando fomos buscar as respostas, o prof. alegou que havia recebido "ordens superiores" para não responder a qualquer pergunta do Crusp. Acrescentou que deveria ser procurada a coordenadora da COSEAS, Lúcia, que poderia responder às questões ou explicar a proibição. Porém, a Lúcia alegou não ter informações sobre o fato. Aqui estão as "terríveis" perguntas, origem desse rebo:

- 1 - Qual é a função da Coordenação de Assuntos Culturais?
- 2 - Qual é a sua verba anual?
- 3 - Quem decide a política cultural da CODAC?
- 4 - Atualmente, como é aplicada a verba?
- 5 - O que é necessário para que os membros da comunidade universitária tenham seus projetos culturais discutidos e executados conjuntamente com a CODAC, utilizando o Anfiteatro e o TUSP?
- 6 - Por que os trabalhos já existentes dentro de Universidade (como as apresentações da Escola de Arte Dramática, Orquestras e

- Corais do Departamento de Música da ECA, os Filmes dos Alunos de Cinema, as promoções do CRUSP, os ensaios fotográficos do Pessoal da FAU, etc.) não são abrangidos pela programação da CODAC?
- 7 - Que porcentagem da verba da CODAC representa a manutenção da Orquestra Sinfônica da USP?
- 8 - A renda industrial advinda de trabalhos gráficos, xerox, como é aplicada?
- 9 - Como a CODAC vê a existência hoje de duas realidades culturais: a oficial (da CODAC) e a marginal (independente da CODAC)?
- 10 - A CODAC não poderia contar com o patrocínio de empresas mistas (Banespa, Vasp) para realizar certos eventos?

REITOR

PROÍBE

ENTREVISTA

COM

ROSENTHAL!

por Roberto e Cláudio

COSEAS

NADA

A DECLARAR!

por Roberto e Cláudio

O questionário encaminhado para a Coordenadora da Coseas, Lúcia, sobre as atividades desse órgão também não teve resposta. Eis as perguntas:

- 1 - O que é a Coseas? Como e para que foi criada? Quais são as suas relações na hierarquia universitária?
- 2 - Entre os que têm bolsa alimentícia, quantos são moradores do Crusp?
- 3 - Das crianças da creche, quantas são filhos de moradores do Crusp?
- 4 - Como a Coseas pretende controlar a vida dos moradores do Crusp (blocos A, B, C e F)?
- 5 - Por quais instâncias de deliberação passa o confectionamento dos pedidos de verba para a Coseas e como ela obtém esses recursos?
- 6 - A arrecadação da renda industrial, mensalidade dos moradores do bloco B, pagamento de aluguel pelos usuários do bloco B, etc., é fiscalizada?



N I C A R A G U A

por Gustavo Venturini

Quando no ano passado Cardenal, o Ernesto, esteve na História trazido pelo AELA, falou do temor que alguém um dia havia lhe manifestado de que a revolução na Nicaraguá viesse a perder a meninice, a beleza da criatividade, e de que na luta por não sucumbir se tornasse carrancuda, assemelhando-se a outras instituídas.

Não lembro o que Cardenal respondeu, mas é difícil imaginar a Nicaraguá hoje, invadida, dispendendo ainda muita energia em manifestações políticas, ou popular artísticas (lá também mal chamadas "culturais", como se todas não fossem), ou em mutirões por obras comunitárias, campanhas de saúde, festas religiosas populares, ou nas atividades educativas e produtivas em geral. As práticas militares, antes de "preparo para a defesa", extendidas a toda população civil, devem ser agora de defesa pura e simplesmente a defesa de um exercício-ocupando bem mais da vida dos muitos nicas (que por uma razão ou outra um dia se comprometeram con la Revolución), em detrimento das demais atividades. Os Centros de Cultura (teatro, dança, música) e as Oficinas Populares de Poesia devem estar meio vazios; os camponeses trabalhando de fuzil no ombro; o pessoal de Comitês de Defesa (CDS) - a maioria moçada, como alguns de nós da Universidade, ou como muitos de

nós no Brasil - revezando-se tensa nas vigílias noturnas, cuidando de bairros e fábricas - encontros que já foram mais para bate-papos, eventualmente amorosos. A guerra voltou para o dia-a-dia dos nicaraguenses.

OS INVASORES

Diferentes forças invadiram a Nicaraguá este ano, quase que simultaneamente. Pelo sul, fronteira com Costa Rica, entraram grupos comandados por Eden Pastora - atualmente chefe militar da dita Aliança Revolucionária Democrática, ARDE - e outros sob o comando de Fernando Chamorro, El Negro, líder das chamadas Forças Armadas Revolucionárias da Nicaraguá, FARN). Pelo norte, fronteira com Honduras, os invasores pertencem à organização denominada Frente Democrática Nicaraguense (FDN), comandada por ex-oficiais da Guarda Nacional, do bazucado Somoza. Tarde cubanos e nicaraguenses no exílio - como o New York Times e o Washington Post, entre outros, documentaram em meados de 81, com fotos e tudo - dispostos a derubar os sandinistas e Fidel (libertar Cuba e Nicaraguá das garras do comunismo internacional, como preferiam dizê-lo). Entrevistado, El Negro afirmara en

A VIABILIDADE DE UMA

tão que aguardava "o sinal verde de Washington" para invadir a Nicarágua. Houve protestos do governo nicaraguense e perplexidade de alguns pelo fato de que atividades militares, com o fim de derrubar governos amplamente reconhecidos no foro internacional, fossem realizadas assim em território americano, tão impudica e publicamente não seria intervenção em assuntos internos alheios? mas autoridades de segundo escalão do Pentágono, esclareceram que tais preparativos estavam se dando em propriedades privadas, as quais eles, enquanto guardiões do mundo livre, respeitam. E ponto.

O sinal verde não tardou, com parte dos 30 milhões de dólares que Reagan, recentemente reconheceu, perante seu Congresso, terem sido destinados à CIA para "destabilizar o governo sandinista". Hoje as FARN- que também recebem financiamento de empresários nicaraguenses e de outros países contra-americanos- operam bem armadas no interior da Nicarágua e contam até com mercenários velhos de guerras - sobras das derrotas que a "superpotência" vem acumulando da Coreia pra cá. Em termos numéricos perdem pra FDN - com a qual atuam em estreita articulação- mas não pro grupo de Eden- no momento o mais reduzido porém o único que tem possibilidade de crescer significativamente. Lá dentro.

O COMANDANTE ZERO

Toda vez que os sandinistas, em tempos de Somoza, se propunham a realizar algum operativo, estabeleciam com anterioridade uma hierarquia entre os combatentes envolvidos para que a ação não malograsse por falta de mando, em caso de "cair" o chefe. Ou seja, morto ou ferido este, o seguinte deveria assumir e ser acatado.

Eden Pastora fica conhecido como Zero a partir da tomada do Palácio Nacional, em Manágua, em agosto de 78- operativo em que detinha a primeira voz de mando. Não era o único com responsabilidade (os Dois por

exemplo, era Dora Maria Tellez, hoje Comandante Guerrilheira- posição dentro da FSLN só abaixo da de Comandante de la Revolución, exclusiva dos nove membros da Dirección Nacional da Frente); nem fora, Eden, o ideólogo da operação- decidida pela direção, de que não fazia parte, da então tendência terceirista. Mas cabe-lhe e evidentemente, junto aos outros 24 combatentes que participaram da operação, todo o mérito pelo êxito de execução. Terem trancado o palácio com quase duas mil pessoas dentro- incluído todo o parlamento fantoche de Somoza- obtendo além de grana a divulgação de extensos manifestos sandinistas (programas de governo) e a libertação de vários dirigentes e militantes da Frente, deu não só uma puta repercussão internacional ao fato, como prestígio interno sem par a Eden. A partir disso, passaria a ser visto como um exemplo de coragem, firmeza ("Jodido!") e portador das de mais virtudes que caracterizam os heróis, pela maioria dos nicas.

Pouco se sabe e se comenta no entanto, que até menos de um ano antes desse episódio Pastora estivera por 5 anos em Costa Rica, desligado da Frente Sandinista, por divergências políticas com Tomás Borge- o único dos fundadores da FSLN que sobreviveu para ver o triunfo da guerrilha, hoje Ministro do Interior, além de Comandante da Revolución. Independentemente de quem estava mais ou menos equivocado- mesmo por que desconheço em detalhes sobre o que divergiriam- tal conflito e afastamento explicam porque Pastora nunca chegara a membro da Dirección Nacional (viu, Newton Carlos?), bem como demonstram que a sua atual dissidência tem raízes mais profundas. A reaproximação dos sandinistas se deu por ocasião da ofensiva malograda de outubro de 77, depois de contacto pelos irmãos Ortega (da direção da tendência Terceirista ou Insurreccional, quando da divisão da FSLN de 76 a 79, hoje também Comandante da Revolución- o Humberto ainda Ministro da Defesa e Comandante máximo do Exército Popular Sandinista, e o Daniel chefe da Junta de Governo da Reconstrução Nacional).



Metido em luta armada desde 1959, antes portanto da fundação da FSLN (61), Pastora atende a seus ímpetos e ideais de guerrilheiro a saber da ofensiva, em 77, que- como os sandinistas- acreditava que seria rapidamente vitoriosa. Os ataques a São Carlos, Granada e outras cidades do sudeste porém, entre outros contratempos, foram mal sincronizados; alguns grupos de combatentes até se perderam no caminho e o esperado levante do povo, por sua vez, tampouco ocorreu. Mas Eden permaneceria organizado, retornando a Nicarágua em maio de 79, no comando da Frente Sul- importante coluna guerrilheira que tomou San Juan, Granada, Masaya e foi a primeira a entrar em Manágua, no 19 de Julho.

Quando se retira subitamente do cenário nicaraguense, no princípio de 81, e deixa aquela carta insinuando que se incorporaria à guerrilha guatemalteca ou salvadorenha, Pastora era Comandante Guerrilheiro, Vice-ministro de Defesa e Chefe Nacional das Milícias Populares. Dirigia, pessoalmente, o Batalhão Ezequiel, permanentemente acantonado próximo à fronteira norte- zona de encontros militares constantes com grupos de ex- guar-

REVOLUÇÃO

das da FDN que, vira-e-mexe, já atacaram fazendas e comarcas na Nicarágua, voltando a ser refugiar em Honduras. (Pelo Ezequiel passaram milhares de milicianos-civis voluntários que recebem treinamentos militar-de diversos batalhões de reserva espalhados pelo país, "para se foguearem")

Na época me soou meio aventureiro, Pastora dando uma de Guevara dos 80, sendo que abria uma brecha pra que se explorasse a idéia da Nicarágua "exportando revolução", quando, em contrapartida, por mais experiente que fosse, enquanto um, dificilmente pesaria tanto que pudesse pender decisivamente a balança pro lado da revolução naqueles países. Ouvi dizer que chegou a contactar a guerrilha guatemalteca, mas que não teria voltado com um dinheiro que lhe deram para que lhes comprasse armas. Não sei se é calúnia. Também teria feito contatos meio heterodoxos na Guatemala, com setores burgueses e com o embaixador norte-americano e depois- como todos vimos- convocou a imprensa em Costa Rica e declarou a quatro ventos sua disposição de pegar em armas contra os sandinistas- "traidores de Sandino e da revolução" que estariam promovendo a cubano-sovietização do seu país. (Mais recentemente incluiu os líbios entre os "que hoje decidem as coisas na Nicarágua").

Assim, de Herói Nacional a internacionalista aventureiro, passando em seguida a dissidente que em Hipótese alguma se aliaria aos somozistas, ao invadir a Nicarágua e abrir uma nova frente de batalha contra os sandinistas, no momento em que as FARN e a FDN, sequestradas pela CIA, também atacam, Pastora tornou-se, desde abril passado, aliado tácito do imperialismo norte-americano.

ALINHAMENTO X TERCEIRA VIA

A julgar pelo que virou e pelas lamentações que tem feito pelos meios de comunicação- na imprensa escrita sobretudo via os filiados à SIP (Sociedad Interamericana de Prensa), como o La Prensa, da Nicarágua, El Mercurio, do Chile e os dos Mesquitas aqui; todos ineludíveis defensores da liberdade de expressão da burguesia- quanto a que não lhe dão armas ou dinheiro para comprá-las; lamentações pelo "abandono em que o deixaram os dirigentes social-democratas do Caribe e da Euro-

pa" (JT, 18/5/83). concluiu-se que Pastora não tem mesmo razão, que não há um meio termo ou via para a revolução, ideal a absolutamente não-alinhado, como diz que gostaria para a Nicarágua.

Alfonso Robelo- ex-membro da Junta de Governo de Reconstrução Nacional, auto-exilado e no momento dirigente político da ARDE- parece saber disso: enquanto na frente de batalha Pastora afirmava não querer nada com os somozistas da FDN (admitindo a possibilidade de alguma aliança apenas com as FARN de Chamorro, como se fossem tão diferentes), Robelo "reconheceu ter tido, durante sua visita a Washington, (início de abril passado) um encontro com os representantes da ex-guarda somozista, que está atacando a Nicarágua a partir de Honduras." (JT, 18/5/83)

Ao mesmo tempo, é simplista e precoce afirmar que a Nicarágua esta se sovietyzando. Pra efeito de análise, esta questão pode ser vista sob dois ângulos: pela intervenção política direta da URSS nos rumos da revolução nicaraguense, e pelos rasgos stalinistas que os sandinistas carregam ou deixam de carregar - o que pode implicar em uma "sovietyzação" por dentro (burocratização), até independentemente de estar ocorrendo ou não a ingerência direta. Contribuições para a análise da ténção Burocracia/Democracia dariam matéria para outro artigo, e serão feitas pro próximo número do Jornal do CRUSP. É o outro fenômeno que Pastora esgrime para justificar sua dissidência ocultando seu personalismo e fissura pelo poder- sobre o qual cabem portanto algumas considerações:

O peso das relações econômicas da Nicarágua com os países do bloco socialista hoje- por onde pode afiançar-se uma maior interferência política- ainda é pequeno. Mesmo que isso possa ser creditado em parte à inelasticidade do mercado mundial, agravada neste momento de crise, (que afeta também os países socialistas) dificultando a realocação das exportações (na verdade, a Nicarágua está tratando desesperadamente de conseguir novos mercados para seus tradicionais produtos, historicamente destinados aos norte-americanos, tipo 100% da carne, 100% da banana, 80% do café, do algodão, etc.), é verdade, ao mesmo tempo, que realizar apenas 20% de seu comércio internacional com os países socialistas lhes garante- com larga mar-

gem de manobra ainda- a possibilidade de não-alinhamento compulsório à URSS.

Os sandinistas parecem ter consciência de que a Nicarágua já foi por demais alinhada, o suficiente para não terem ilusões quanto a supostos benefícios de qualquer novo alinhamento cego. Mais do que em afirmações suas a respeito, o que pode ser mero discurso, assim como declararem-se orgulhosos de sua nicaragualidade, essa consciência está na política externa da Nicarágua: quando a ditadura se desagregava sob a pressão da insurreição popular- sandinista, o governo de Somoza foi desconhecido pelos do México, Costa Rica, Panamá e um quarto que não me lembro, que assim contribuíram para derrubá-lo. Com isso, naquele momento Nicarágua mantinha relações diplomáticas só com 20 países; jamais passará de 24, em sua sua História. Aos dois anos dos sandinistas haverem ascendido ao poder, haviam estabelecido relações com uns 60 novos países. Nicarágua fez-se membro ativo em foros internacionais tipo ONU, OEA, Organização dos Não-Alinhados, onde participa quase com autonomia (não fez nenhum pronunciamento a respeito da invasão soviética do Afeganistão, ou do golpe militar na Polónia, coisas que, calada, acaba apoiando. Aliás, internamente, como o Barricada- voz oficial da FSLN- se alimenta da Tass, o que mais se ouve sobre esses acontecimentos são as versões- sobretudo silênciosas- soviéticas).

A própria manutenção da economia mista (garantias para o regime de propriedade privada- com controle forte sobre sua acumulação e sobre a qualidade das condições de trabalho- paralelo a um setor estatizado; no momento em torno de 60 a 40%, respectivamente) além de atender as limitações internas é um pouco pra inglês ver: visa evitar um isolamento no plano externo. Não é um projeto isento de custos e riscos, como não o seria a expropriação de toda burguesia no primeiro dia da revolução- a exemplo do que dizem que fariam os trotskistas, se lá estivessem no poder- ou a aplicação de qualquer outro programa revolucionário alternativo.

(Como em todo processo real há tensões, contradições e especificidades de múltipla natureza que deveriam ser mais atentamente consideradas, em vez de se lamentar que a realidade não está cabendo nos modelos teóricos do que- segundo os clássicos, lidos como manual- deveria ser qualquer revolução. Quando se contrapõe um programa teórico

co a outro que está sendo posto em prática, é simples apontar os desdobramentos negativos deste- facilmente detectáveis, por sua dimensão real- enquanto que sobre as consequências da aplicação do primeiro pode se apenas especular. Isto tende a fazer de qualquer programa bem elaborado no papel, algo atraente à primeira vista, sobretudo à distância. Mas se se quer, porque no terreno das elucubrações tudo cabe, há de se contemplar a possibilidade de que havendo expropriado a burguesia toda no primeiro dia no poder- ainda que diferente a conjun-

tura atual da de 20 anos atrás- se abatesse sobre a revolução um boicote dos países capitalistas, restando aos sandinistas, como estratégia para a sobrevivência do processo- a exemplo de Cuba em 61- apenas o alinhamento compulsório à URSS. Desejável, trotskysta? Pra mim não.)

Voltando-se à alegada cubano-soviétização da Nicarágua, via ingerência externa, o que em suma ocorre é que, primeiro os sandinistas não negam ajuda, venha de onde vier, desde que seja incondicional. Da Cruzada Nacional de Alfabetização em 80, por exemplo- quando em cinco meses de intensa campanha reduziu-se o analfabetismo de 50 para 13% da população maior de dez anos, participaram dois mil professores cubanos, 60 costarricenses e 200 espanhóis. Não houve contingentes de brasileiros, norte-americanos ou chineses porque esses respectivos governos não se prontificaram a mandá-los.

Em segundo lugar, há como que uma lei não só da política internacional, pela qual quem ajuda influencia, nem que seja porque passa a ser ouvido, como ouvimos os que nos são amigos. Além dos governos comunistas, sabem disso os do México, Venezuela, Panamá, os social-democratas da II e I e até republicanos dissidentes de Reagan, nos EUA (ainda que com os mesmos fins de dominação, em consideração ao processo da revolução cubana, advogam por uma política de colaboração com a Nicarágua, oposta à postura de confronto adotada pelo grupo de Reagan, que segundo eles estaria obtendo, acima de tudo, a unidade do povo nica em torno dos sandinistas).

É assim que a Nicarágua está sofrendo uma influência crescente dos soviéticos, que lhe fornecem ajuda médica especializada (no momento mais, pro tratamento dos mutilados que os próprios EUA e Pastora têm produzido) vagas pra nicaraguenses em suas universidades técnicas diversos, etc. e cubana. Há inúmeros

internacionalistas trabalhando hoje na revolução popular-gandinista- como os médicos franceses e alemães recentemente assassinados pelos FDN- mas a maioria por iniciativa própria. São poucos os governos que têm enviado para lá, sistematicamente, técnicos e profissionais de diversas áreas, ajuda tecnológica e financeira; e é na medida dessa ajuda que tem tido, mais ou menos indiretamente, influência sobre os rumos da revolução nicaraguense.

O CONFLITO A NIVEL REGIONAL

No plano militar, passa-se algo semelhante. Havia que se substituir os fuzis norte-americanos M-1 e M-16 abandonados pela Guarda Nacional ao debandar, já que os EUA interromperam o fornecimento de munições. Em 81 Nicarágua adquiriu armas na França- possivelmente desgostando gregos e troianos (americanos e soviéticos)- mas a maior parte de seu armamento hoje vem da URSS, como os fuzis AK que utiliza o Exército Popular Sandinista. E a julgar pelos vínculos que os sandinistas mantinham com Fidel já antes da derubada de Somoza, não há porque duvidar se de que Cuba está assessorando a formação do EPS. É uma assessoria solicitada pelo governo nicaraguense assim como a que o Pentágono dá aos demais governos centro-americanos solicitada por seus respectivos chefes militares. A diferença está no grau de legitimidade popular de cada um desses governos, no fato de que o EPS não se presta para massacrar os próprios trabalhadores- ainda que a sua mera existência implique eventualmente nesse risco- a exemplo dos exércitos salvadoreño e guatemalteco, nem para atacar vizinhos, em atividades como as que têm se envolvido setores das Forças Armadas hondureñas, contra Nicarágua.

A identificação do EPS com a população "civil"- na verdade hpa nesta milhares de milicianos- é grande, e seu armamento eminentemente defensivos (baterias anti-aéreas), em contraste com o de Honduras que tem recebido dos EUA tanques e modernos aviões de guerra. Os sandinistas gostariam de reconstruir o país transformando a estrutura econômica dependente herdada- de raízes coloniais; por iniciativa deles não haverá guerra com qualquer vizinho- mesmo porque os nicaraguenses já acumularam suficientes pilhas de cadáveres para desejarem novas guerras.

(Há trotskystas que creem que os sandinistas vão longe demais nesta preocupação- teri-

am uma visão de revolução dentro dos limites nacionais- esquecendo-se de solidarizarem-se verdadeiramente com a luta dos salvadoreños. Não sei. Não tenho elementos para avaliar o tamanho da ajuda material que efetuam ou deixam de efetuar. Aliás, considerando-se sua situação econômica, não se lhes pode exigir, nesse plano, que sejam algo mais que ponte para ajudas vindas de outras partes; eles não tem de onde nem o que tirar para darem aos salvadoreños. Quanto que eles vêm topan do ser ponte? Também não sei. Os EUA acusam mas não conseguem prová-lo, como gostariam imensamente. Isso pode ser um sintoma mas não permite um diagnóstico seguro. Fronteiras montanhosas, marítimas e aéreas não se controla com facilidade. Tendo a crer, ao contrário dessa falta de evidência, que há contatos estreitos entre cúpulas-sandinistas, farabundistas, guatemaltecos, morazanistas e cubanas. Está na história da formação das organizações guerrilheiras da região.)

Intensões a parte, se Nicarágua conseguirá evirar o confronto com Honduras são outros quinhentos. A política belicista que os achedados de Reagan vem aplicando na América Central, está apontando para um conflito aberto, em escala regional. Os EUA estão se preparando para isso. Constroem base militar em Honduras quase equidistante e muito próxima da fronteira nicaraguense e salvadoreña; portos e aeroportos. A idéia de "envio de tropas" foi re-lançada à opinião pública norte-americana. (Para ser testada? para que se acostumem?). Primeiro na forma negativa: "eu lhe garanto que já-mais enviaremos tropas à América Central", afirmou Reagan em discurso ao Congresso, em março passado, transmitido em cadeia de televisão. No mês seguinte um de seus assessores afirmava que a garantia havia sido feito com base na análise de uma conjuntura que se modificava rapidamente (as derrotas recentes dos batalhões especiais do exército salvadoreño treinados nos EUA). Tudo indica que as tropas vêm aí, conforme a necessidade. São pra Nicarágua é improvável, mas se El Salvador balança um pouco mais... (A propósito, se os americanos desembarcam na América Central, o que faremos aqui? Vamos por fogo no consulado norte-americano lá na Pe. João Manoel? Vamos pendurar o cônsul em algum poste da Paulista? Alguém tem alguma outra idéia?)

Essa polarização nos conflitos centro-americanos que não deixa espaço hoje para Pastora atacar a Nicarágua com independência

Acessando militarmente a FSLN, no mínimo ele empurra a revolução nicaraguense justamente para onde diz que ela já está, e em direção ao que afirma opor-se (sua satelização em torno da URSS). Caso caíam os sandinistas- possibilidade que ainda não se avista no horizonte- pior: não haveria com certeza nenhuma organização ou pessoa capaz de assegurar a continuidade do processo revolucionário- em qualquer direção que fosse- nem de garantir a soberania da Nicarágua diante do imperialismo norte-americano. O fato de Pastora ter-se vista na necessidade de aliar-se virtualmente aos somozistas armados pela CIA é significativo. Isso desgasta sua imagem, quiza irremediavelmente.

Em todo caso, ele não deve ser menosprezado. Portador de um discurso anti-comunista melhor articulado do que o das bestas que dirigem a FDN, embora com as forças que dispõe hoje, não constitua uma ameaça à hegemonia política e militar sandinista, nem mesmo na região em que atua, não deixa de ser um inimigo potencialmente perigoso- mas pela popularidade que adquiriu a partir do episódio do Palácio, em 78, e pelo carisma que soube cultivar desde então, do que por sua ex-familiaridade com segredos militares, seu profundo conhecimento do território nicaraguense e os 25 anos de experiência em guerrilha que carrega.

No momento, a FDN- talvez com quatro, se is mil ou mais homens, dirigidos pelo somozista Calero Portocarrero e por ex-oficiais da desmantelada Guarda Nacional- é a organização militarmente mais forte entre os invasores. Assessorados diretamente pela CIA, bem equipados e com cobertura do exército hondurenho, entraram na Nicarágua para ocupar posição desde abril passado- em contraste com as ações de ataque, sabotagem e retirada que vinham praticando até então. Meio que subordinada a ela há uma quarta organização participando da invasão: a MISURASATA, que se formou em 80, com o incentivo dos sandinistas, para organizar os miskitos, sumos e ramas- etnias semi-isoladas nas selvas do departamento de Zelaia, oriente do país, que somadas aos negros que falam inglês e vivem ao longo da costa atlântica, constituem cerca de 10% da população nica.

Stedman Fagoth, com prestígio entre essas comunidades- não sei como, sei que não é índio- foi escolhido dirigente da MISURASATA e chegou a ser preso ao descobrir-se

que conspirava contra os dirigentes sandinistas e que fora informante da OSNI- Polícia Política do último Somoza. Sob pressão das comunidades indígenas porém, os sandinistas o puseram em liberdade. Deu um tempo para desbaratar e meio que subitamente espuliu para Honduras à frente de uns dois mil miskitos, parte dos quais dirige hoje nas incursões armadas à Nicarágua, junto a FDN.

Mas enfim, podem essas forças juntas que invadiram a Nicarágua esse ano, derrubar militarmente os sandinistas? Eu digo que não, e penso que o governo Reagan sabe que não. Entre Exército e Milícias Populares, por baixo, há cerca de 100 mil homens e mulheres "em armas" na Nicarágua. Derrubar os Sandinistas significa aniquilar essa população e muitos milhares mais organizados em entidades "de massa", sindicais, etc., coisa que os menos de 10 mil invasores do momento, sem apoio ainda da artilharia pesada e aviação, estão tecnicamente impossibilitados. Nem Honduras, em princípio, dispondo-se a uma guerra frontal com a Nicarágua, armada pelos EUA com tudo que possa carregar seu exército de recrutas, creio que abalaria militarmente os sandinistas. A história tem demonstrado que não há exército profissional que possa com um exército popular de voluntários, que fuzil por fuzil, ganha quem ideais e a moral alta. (ou justa?).

Mas além da estratégia militar- ou através dela- não haverão outros objetivos em jogo? Quais são os desdobramentos econômicos e políticos das atuais invasões, prá não falarmos dos de uma futura guerra? A quantas andarão as condições materiais de vida e a democracia dentro da Nicarágua?

A SEGUNDA PARTE DESTA TEXTO SERÁ PUBLICADA NO PRÓXIMO NÚMERO DESTA JORNAL, EM BREVE.

Y LOVE
REVOLUTION



CRUSP : AUTONOMIA & AUTO-GESTÃO ?

Marcos Alonso Nunes
28 de julho de 1983

Introdução: Como ponto de partida, conceituaremos auto-gestão e autonomia.

Para a gestão de uma casa de estudantes, podemos encontrar duas formas básicas. A primeira pressupõe total desvinculação com o Estado, ou seja, a casa funciona em regime de autogestão. A segunda pressupõe um vínculo econômico com o Estado, nesse caso o Estado mantém financeiramente a casa de forma parcial ou total.

Para nós, Autonomia da moradia estudantil perante o Estado (búrguês) é a organização independente (não atrelada ao Estado) dos moradores. Nem mais, nem menos, mas precisamente isso: a organização independente dos moradores. A existência de uma organização de moradores bem estruturada e forte politicamente é o requisito fundamental para que os moradores e estudantes em geral tenham seus interesses assegurados nas negociações com o Estado.

A autonomia, como acima conceituamos, não se confunde com a autogestão. Organização política e Gestão da Casa são coisas distintas. A autonomia garante que o Estado assuma economicamente a moradia sem atrelá-la a nível político. Não tem sentido, portanto, reivindicar autonomia junto ao Estado; esse foi um erro que os moradores do CRUSP cometeram quando incluíram o item "autonomia"

na plataforma de negociações apresentada à COSEAS em março desse ano. Autonomia é algo que os próprios moradores terão de conquistar. E será conquistada se, e somente se, os próprios moradores construírem uma organização interna para a Casa, Unitária e representativa do conjunto dos moradores.



Autonomia e Autogestão no CRUSP: Muitas vezes já ouvimos falar que o CRUSP deseja uma organização autogestionária. Ainda mais comum é a polêmica levantada por alguns moradores de que a negociação com a COSEAS implica na perda de autonomia do CRUSP, no atrelamento do CRUSP ao Estado. Demonstraremos que essas ideias são falsas!

1968 foi um ano histórico no movimento estudantil e em particular fatídico para a moradia. Em dezembro desse ano o CRUSP foi fechado pelas forças da repressão após heroica resistência dos estudantes. Onze anos passaram-se sem moradia no Campus. A partir de 1976 o M.E. entra numa nova

fase ascendente, e com ele o movimento pela moradia ganha novo impulso, culminando com a retomada de dois andares do CRUSP em novembro de 1979. Naquele momento a palavra de ordem "pelo ensino público e gratuito", bandeira fundamental das mobilizações estudantis, foi traduzida nas seguintes reivindicações: -moradia gratuita para todos os estudantes e que a universidade assuma a moradia no Campus.

Com base nessa orientação e na necessidade concreta de moradia, o movimento cresceu e conquistou mais dois andares no bloco A; paralelamente foi iniciado o processo de "colonização" do bloco F. Durante os anos de 1980 e 1981

a Reitoria (na gestão do prof. Waldir Muniz Oliva) continuou recusando-se a negociar com o CRUSP e sequer a reconhecê-lo, apesar das inúmeras tentativas dos moradores. Houveram apenas alguns contatos com a chefia da COSEAS e com a assessoria do Reitor. No ano passado os estudantes voltaram a empreender grandes mobilizações e retomaram parte dos blocos B e C do CRUSP. Como efeito da forte pressão

exercida pelos estudantes, a Reitoria (já então na gestão do prof. Helio Guerra) reconheceu formalmente a moradia no Campus. Sua política, a partir de então, passou a ser a de tentar implementar a moradia paga no CRUSP

Os estudantes responderam a essa política de forma categórica: retomaram a totalidade dos blocos B e C em março desse ano.

Por outro lado, somos obrigados a reconhecer a debilidade do movimento pela moradia. Já faz mais de três anos que o CRUSP tenta fechar um acordo com a COSEAS - Reitoria e até agora conseguiu muito pouca coisa, nesse sentido. Pelo contrário, no momento o CRUSP atravessa sua maior crise interna a nível político e estrutural. Essa situação merece uma melhor reflexão.

A cada etapa do movimento, a cada retomada, era necessário um saldo organizativo. O CRUSP ia recuperando

do aos poucos o espaço perdido em 68, mas não implementava qualquer tipo de organização mais consistente para solidificar suas conquistas. Tal fato ocorreu pelos mais variados motivos. Desde o início, o DCE da USP não desenvolveu um trabalho junto ao CRUSP que pudesse reverter em resultados positivos a longo prazo. Isso foi uma característica de todas as diretorias do DCE: a falta de uma linha política para atuar no CRUSP. A gestão "Todo mundo no DCE", que inicialmente se opôs à retomada no final de 79, passou o ano todo de 80 sem mexer uma palha pelo CRUSP, desenvolvendo uma política de omissão total. Liderada pela presidenta Cleusa Turra, a Pituca, algumas coisas mudaram quando a gestão "Mobilização Estudantil" assumiu a diretoria do DCE em fins de 80. Pela falta de uma proposta concreta de ação, essa diretoria pouco fez em termos de moradia. O oportunismo e o aparelhismo foram as principais características políticas do trabalho desenvolvido pelo Manteiga (diretor de assistência estudantil do DCE). reeleita em fins de 81, sob a legenda "Solidariedade", essa diretoria fez uma auto-crítica mas não apresentou uma política alternativa, caindo na omissão quase que total em 1982. Para ser mais preciso, não existiu, e ao que parece não existe, qualquer corrente do M.E. que fosse capaz de apresentar uma proposta de ação para o movimento pela moradia. Todos esses fatos

criaram uma condição muito especial para que concepções libertárias e oportunistas predominassem no CRUSP; com isso passou a ser grande a resistência para a criação de uma organização centralizada no CRUSP, munida de uma direção. O movimento avançava, conquistava novos espaços, mas a organização interna continuava estragada. Concluímos, com base nessa retrospectiva, que 1) os estudantes nunca lutaram pela autogestão no CRUSP; 2) na verdade o CRUSP nunca teve autonomia, pois nunca teve uma organização independente. Nos dias atuais, é fato inconteste a crescente degenerescência do CRUSP. Se a situação perdurar, chegará o dia que o Estado vai intervir energeticamente. Acreditamos firmemente que a via para solucionar essa situação passa necessariamente pela conquista da autonomia. É urgente superarmos a crise! É chegada a hora de fundarmos a Associação de Moradores do CRUSP! Caso contrário, o que nos espera é a moradia paga ou a destruição do CRUSP (reeditando 68). Tolo é aquele que acredita que a conjuntura atual exclui a possibilidade de uma intervenção do Estado.

Conclusões finais: Para o segundo semestre, o CRUSP deverá desenvolver conjuntamente a negociação com a COSEAS e a construção da Associação de Moradores. No âmbito das negociações, o CRUSP terá que intensificá-las através de um amplo processo de discussão e de mobilização, trabalhando com uma plataforma de negociação mais consequente. No âmbito interno, o CRUSP deve

Tudo isso terá de ser feito levando-se em conta os estudantes da USP e a Comunidade Universitária; pois só com o apoio deles poderemos ser vitoriosos em nossa luta.

já desenvolver um enorme esforço no sentido de ordenar a vivência e conquistar a autonomia; o que será conseguido com a fundação da Associação de Moradores.



Í N T E S E : *uma tendência*

Este artigo tem caráter sobretudo inamistoso. Queremos, antes, que nossos inimigos o leiam, porque os amigos já estão fartos de saber. Temos a certeza que não estamos estudando nada de novo, apenas o estritamente óbvio. O Centro de Estudos Doutor Smith se propõe. Vislumbramos no trafegar pelas artes um panorama que pode ser expresso numa palavra: SÍNTESE. Quando falamos de síntese não estamos nos referindo somente ao montante de informações mas sobretudo, à manipulação do signo. Ao passar dos séculos a linguagem sempre foi concebida em função dos moldes que utiliza para se expressar. Mas a linguagem é uma abstração superior às formas que assume. A substância-síntese materializa-se no conjunto de formas de linguagem veiculadas num mesmo ícone, produto da mente humana. Os leitores informados saberão relacionar a tendência à síntese com a tecnologia que vivenciamos; os menos informados logo confundirão a expressão contemporânea dessa tendência com o mero apelo consuminista, contido a pequena difusão desta nova arte comprova antes a preocupação do artista com a linguagem. Observem, os interessados, a poesia, a música, o cinema e demais manifestações de vanguarda. Certamente entenderão o que dizemos. O C.E.D.R.S. veio contemporizar a prosa, torná-la uma aliada. Agora nos despedimos. Sentimo-nos obumbrados.

CENTRO DE ESTUDOS DR. SMITH
CORRESPONDÊNCIA PARA:
CRUSP - BLOCO B - AP. 211



R
T
A
U
D

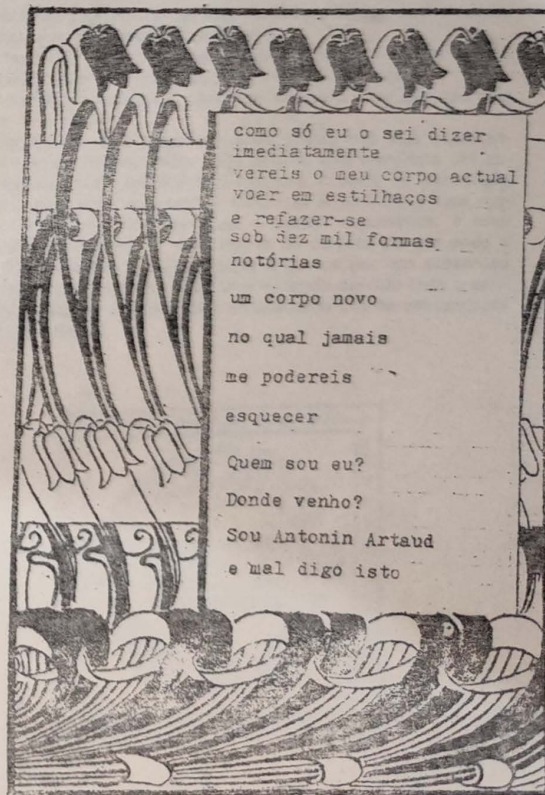
Antonin Artaud, poeta-filósofo-teatrologo francês, considerado louco, desmistifica a visão habitual a respeito da loucura, em seu Van Gogh, o Suicídio pela Sociedade. Muitas das idéias e sensações apresentadas por ele, nesse texto, terão prosseguimento através do estudo e fetuado por Foucault em seu A História da Loucura. Foucault estudou o mundo dos loucos, Artaud o viveu. Durante suas internações, nos períodos em que o deixavam sair, sempre buscou uma visão mais profunda e esquecida do Homem.

Em seus escritos (... ali onde outros propõem obras, não pretendendo nada além de mostrar meu espírito.) questiona a racionalidade moderna e seus valores; faz a restituição do significado da natureza enquanto portadora de vida própria, que não pode ser dominada/apreendida através da racionalização de seus elementos; de modo semelhante ao pensamento de Nietzsche, faz uma tentativa de reencontro do Homem com uma Essência Maior da Natureza através do Mito; aponta o poder que existe por trás dos valores, regras e normas impostas pela racionalidade organizada em concepções burguesas, poder este de exclusão/controle/punição de toda manifestação de diferença que venha a ameaçar o mundo construído (Hospício, Prisão, Asilos, FEBEM, etc...); de sua ligação com a arte, de sua passagem pelo Surrealismo, sobra-nos a idéia de arte como vida, tanto que em Artaud, sua criação e sua vida se confundem.

No Hospício de Rodez, onde passou seus últimos anos (1937-46), recebendo o tratamento "adequado", fortifica sua crítica ao pensamento moderno. Escreve vários textos e cartas onde sente-se ter sido esta a sua fase mais difícil. Agora tudo lhe é negado...

Libertado em 46, continua escrevendo e, é desta época o seu Van Gogh... (texto-chave) e o polêmico e censurado Para Acabar de vez com o Juízo de Deus. Em março de 48, é encontrado morto em seu quarto. Câncer? Overdose? Suicídio? Questionamento inútil diante dos fatos...

"Não posso morrer, nem viver, nem não desejar morrer ou viver"



como só eu o sei dizer
imediatamente
vereis o meu corpo actual
voar em estilhaços
e refazer-se
sob dez mil formas,
notórias

um corpo novo

no qual jamais

me podereis

esquecer

Quem sou eu?

Donde venho?

Sou Antonin Artaud

e mal digo isto



SURREALISMO E REVOLUÇÃO

DE 1924 A 1926 participei no movimento surrealista e acompanhei-o em toda a sua violência.

Dele vou falar com o espírito que nessa época me possuía; e vou tentar ressuscitar-vos esse espírito, que se queria blasfematório e sacrilego, o que por vezes conseguiu.

Dir-me-eis que esse espírito passou; que pertence a 1926 e que, a existir, a nossa reacção é uma reacção 1926.

O Surrealismo nasceu de um desespero e de uma repugnância e nasceu nos bancos da escola.

Muito mais que um movimento literário, foi uma revolta moral, foi o grito orgânico do homem, foi em nós o escoicinhar do ser contra toda e qualquer coerção.

E, primeiro que tudo, contra a coerção do Pai.

O movimento surrealista foi no seu todo uma profunda e interior insurreição contra todas as formas de Pai, contra a avassaladora preponderância do Pai nos costumes e nas ideias. Vou ler, a título puramente documental, o último dos manifestos surrealistas, indicativo da nova orientação política do movimento:

CONTRA - ATAQUE A PÁTRIA E A FAMÍLIA

Domingo, 5 de Janeiro de 1936, às 21 horas, no Grenier des Augustins, 7, rue Grands-Augustins (métro Saint Michel).

CONTRA O ABANDONO DA POSIÇÃO REVOLUCIONÁRIA

REUNIÃO DE PROTESTO

Um homem que admite a pátria, um homem que luta pela família, é um homem que trai. E aquilo que ele traiçoa é para nós a razão por que vivemos e por que lutamos.

A pátria ergue-se como obstáculo entre o homem e as riquezas do solo. Exige que o produto do suor humano seja transformado em cânones. Faz dum ser humano um traidor ao seu semelhante.

A família é o alicerce da violência social. A ausência de fraternidade entre pai e filho acabou por se transformar no modelo de todas as relações sociais, que se baseiam na autoridade e no desprezo dos patrões pelos seus semelhantes.

Pai, pátria, patrão é a trilogia que serve de base à velha sociedade patriarcal e, actualmente, à canzoada fascista.

Desorientados pela angústia, abandonados a uma mistéria e a uma exterminação cuja causa não podem compreender, os homens extenuados não de um dia erguer-se. Acabaram então por

demubar a velha trilogia patriarcal: fundarão a fraterna sociedade dos companheiros de trabalho, a sociedade do poder e da solidiedade humana.

Por este manifesto se pode ver que o Surrealismo mantém, ao contrário da recente orientação estalinista, os objectivos essenciais do marxismo, ou seja, todos os pontos virulentos que no marxismo tocam o homem, desejando atingi-lo no que ele tem de mais secreto; nesta obstinada violência tem de reconhecer-se o velho modo surrealista de se não poder viver sem exasperação.

Mas o mistério do Surrealismo reside no facto de semelhante revolta ter, desde a origem, soçobrado no inconsciente.

Tornou-se uma mística oculta. Um ocultismo de um novo género e, como toda e qualquer mística oculta, exprimiu-se alegoricamente e mediante larvas que tinham aparência de poesia.

Aquilo que se apresentava sob a forma de reivindicação clara, o Surrealismo pô-lo de parte ou não conseguiu alcançá-lo.

Quando o Surrealismo começou, todos nós nos sentíamos agitados por uma fervente revolta contra todas as formas de opressão material ou espiritual: Pai, Pátria, Religião, Família, nada havia que nós não invectivássemos... que nós não invectivássemos, muito menos com palavras do que com a alma. Comprometíamos nesta revolta toda a nossa alma e comprometíamos-a materialmente. Mas essa revolta que tudo atacava nada conseguia destruir, pelo menos aparentemente. Porque o segredo do Surrealismo é o ataque às coisas no que elas têm de mais secreto.

Para chegar ao mais secreto das coisas, o Surrealismo abriu um caminho próprio. Tal como sobre o Deus Desconhecido dos Mistérios dos Cabiras, sobre o Ain-Souph, sobre o buraco animado dos abismos na Cabala, sobre o Nada, o Vazio, o Não-ser devorador do Nada dos antigos Brâmanes e Vedas, pode sobre o Surrealismo dizer-se aquilo que ele não é; mas para se dizer o que ele é, é preciso lançar mão de aproximações e de imagens, e o Surrealismo é um movimento revestido de imagens. Por uma espécie de encantamento no vazio, ressuscita o espírito das mais antigas alegorias.

Há realmente na poesia surrealista elementos de que se pode falar, que se podem descobrir, que podem ser reconhecidos. Mas, enquanto, com os outros géneros de poesia, somos sempre conduzidos a um determinado domínio, a um local que não pode ser confundido com os outros, com o Surrealismo começamos, pelo contrário, uma viagem em que nos perdamos de tal modo que nunca podemos dizer que a sua poesia reside onde nós a vemos.

O Surrealismo sentia a necessidade de sair.

«Sair à luz no primeiro capítulo», como sobre o Duplo do homem diz o Livro dos Mortos Egípcio.

E, enquanto surrealistas, nós tínhamos vontade de sair, sempre e em toda a parte, num movimento de mortal insatisfação; daí aquela violência que não levava a nada, mas que subterraneamente manifestava alguma coisa: violência que a mania de esclarecer as coisas acabou por chamar desmoralização.

Recusa e Violência.

Violência e Recusa.

Estes dois pólos significativos de um impossível estado de espírito, uma misteriosa electricidade, mostram bem o carácter anormal da poesia daquela época; que deixa de ser a poesia no sentido em que a palavra o faz entender, passando a ser somente a emissão magnética de um sopor, uma espécie de bizarra magia que vinha instalar-se no meio de nós.

Recusa. Recusa desesperada de viver, aceitando porém a vida. No Surrealismo, o desespero estava na ordem do dia e, com

o desespero, o suicídio. Mas, à pergunta feita no n.º 2 de Révolution Surrealiste — o suicídio será uma solução? — os surrealistas respondem unanimemente que não, que o suicídio é uma hipótese, porque, de acordo com o que disse Jouffroy, «no suicídio, aquele que mata não é idêntico ao que matou».

Todas as manifestações surrealistas participaram deste espírito suicida em que o autêntico suicídio não interviém.

Destruição sobre destruição. Onde a poesia ataca as palavras, o inconsciente ataca as imagens, mas há um espírito ainda

mais secreto que se encarrega de proceder à colagem dos fragmentos da estatus.

O que se pretende é quebrar o real, desorientar os sentidos, desmoralizar se possível as aparências, tendo porém em vista uma noção do concreto. Do seu obstinado massacre o Surrealismo esforça-se sempre por extrair alguma coisa.

Porque para ele o inconsciente é físico e a lógica é o segredo de uma ordem em que se exprime um segredo de vida.

Quebrado o fantoche, deteriorada a paisagem, torna a refazer tudo, mas de modo a provocar a gargalhada ou a fazer ressuscitar o cenário das terríveis imagens que nadam no inconsciente.

Quer isto dizer que escarnece da razão, que retira sentido às imagens, devolvendo-lhes o seu sentido profundo.

Quer isto dizer que os escritores daquele tempo pressentiram um certo conhecimento das ocultas profundezas do Homem, conhecimento que se perdera desde tempos imemoriais.

E o Surrealismo libertou vida, descongestionou fisicamente vida, permitiu que um fio de electricidade preciosa viesse animar as pedras dos sedimentos inanimados.

Reforma-se a vida desorganizada, em reacção contra a anarquia caótica que dos objectos circundantes é imposta.

O mundo surrealista é concreto, concreto para que não seja possível confundir-lo.

Tudo quanto seja abstracto, tudo quanto não seja inquietantemente trágico ou burlesco, tudo quanto não manifeste um estado orgânico, tudo quanto não for uma espécie de exsudação física da inquietação do espírito, tudo isso é estranho e este movimento. O Surrealismo inventou a escrita automática, é uma intoxicação do espírito. A mão liberta do cérebro vai até onde a pena a leva; mais que isso, a pena é guiada por um espantoso encantamento que a torna mais viva e, tendo perdido todo o contacto com a lógica, a mão assim reconstruída põe-se em contacto com o inconsciente.



Mercê de tal milagre, nega a imbecil contradição ensinada nas escolas entre espírito e matéria, entre matéria e espírito.

A vida, sempre que algo a toca, reage através do sonho e das larvas.

Quer isto dizer que o Inconsciente geral foi sondado por alguma coisa. Dá agora aquilo que retinha. Depois de ter concebido, uma mulher sonha sem saber que concebeu.

Quando um homem foi ferido, quando vai adoecer, quando entra em agonia, sonha. Ao lado destes sonhos do homem, há os sonhos dos grupos e os sonhos dos países.

Não sei quantos fomos os surrealistas que sentimos, através dos nossos sonhos, estarmos a libertar uma ferida de grupo, uma ferida da vida.

Junto à obsessão do sonho, face ao ódio pela realidade, o Surrealismo teve uma obsessão de nobreza, uma preocupação de pureza.

O mais puro, o mais desesperado de todos nós — dizia-se às vezes deste ou daquele surrealista. Porque, para nós, verdadeiramente puro era o que era desesperado.

Que importa o facto de esse fogo puro se ter limitado a queimar-se tão-somente a si próprio? Quis de facto sinceramente ser puro. E essa pureza, buscou-a em todos os planos possíveis: amor, espírito, sexualidade.

«O Pai — diz Saint-Yves de Alveydre nas Clefs de l'Orient — o Pai, há que dizê-lo, é destruído».

Todo o espírito rigorosamente desesperado que, para pensar, se colocou no plano acima da natureza, sente o Pai como inimigo. O Mito de Tântalo, o da Megera, o de Atreu, contém em si, em termos fabulosos, este segredo, esta espécie de in-humana verdade, a que os homens tanto esforço fazem por acomodar-se.

O movimento natural do Pai contra o Filho, contra a Família, é de ódio; este ódio que a filosofia da China não consegue distinguir do amor.

E é a esta verdade geral que cada pai particular no seu ser procura também acomodar-se.

Vivi até aos vinte e sete anos com o obscuro ódio ao Pai, ao meu pai particular. Até que finalmente o vi morrer. E esse in-humano rigor, que eu acusava de me oprimir, cedeu. Outro ser saiu deste corpo. Pela primeira vez na vida esse pai estendeu-me a mão. E eu, com a incomodidade no corpo, compreendi que ele foi toda a vida incomodado em seu corpo e que há no ser uma mentira, e que nós nascemos para protestarmos contra ela.

A 10 de Dezembro de 1926, às 9 horas da tarde, no café do «Prophète» em Paris, os Surrealistas reúnem-se em congresso.

Trata-se de saber o que é que, face ao rugir da revolução social, o Surrealismo e seu movimento hão-de fazer.

Para mim, dado o conhecimento que temos do comunismo marxista, a quem se punha a questão de nos aliarmos, era um falso problema.

Será que Artaud se está marimbando para a revolução? — houve quem perguntasse.

Para a vossa, sim, não para a minha — respondi eu, abandonando o Surrealismo, visto que o próprio Surrealismo se tinha transformado em partido.

Esta revolta do conhecimento, que a revolução surrealista queria ser, nada tinha a ver com uma revolução que pretende conhecer já o homem, fazendo-o prisioneiro das suas necessidades mais grosseiras.

O ponto de vista do Surrealismo e o do marxismo eram inconciliáveis. E depressa se percebeu isto quando alguns surrealistas notórios resolveram filiar-se no partido. Ou seja na sucursal francesa da Terceira Internacional de Moscovo.

É surrealista ou marxista? — perguntaram a André Breton. — E, se é marxista, que necessidade tem de ser surrealista?

Tratava-se, em suma, para o Surrealismo, de descer até ao marxismo, mas havia de ser bonito se o marxismo se elevasse até ao Surrealismo.

Em 1926, não podia ser resolvido o antagonismo, porque a História não andara o suficiente. Creio que hoje em dia a História já evoluiu e que há em França um facto novo. Esse facto é o aparecimento de uma ideia histórica na consciência da juventude e a essa ideia, que pretendo desenvolver, chamo eu a reconciliação da Cultura e do Destino. Na desesperada consciência da juventude, nasceu uma nova ideia de cultura. Essa cultura, que deseja conhecer o homem, tem do homem uma ideia grandiosa. Não aceita que se separe a vida do homem da dos acontecimentos. Deseja que se entre na sensibilidade interior do Homem, o qual joga também com os Acontecimentos.

A nova juventude é anti-capitalista-burguesa e, tal como o próprio Karl Marx, sentiu o desequilíbrio dos tempos em que se levanta a monstruosa personalidade dos Pais, baseada na terra e no dinheiro. Quando acusam Marx de querer suprimir a família, ele responde: «Vós é que destruístes a família. Onde é que estão as vossas antigas virtudes? Para lá da virtude, eu só vejo matéria e eu, Marx, organizo a matéria, organizo-a técnica e coercitivamente». Pode dizer-se que, entre os antigos valores do Homem, Marx organiza aquilo que da Burguesia herdou.

Antes de ser a exaltação de uma realidade superior, o Surrealismo era uma crítica dos factos e do movimento da razão nos factos.

Entre o real e o eu, existo eu e a minha deformação pessoal dos fantasmas da realidade.

E a juventude no seu eu actual considera que Marx partiu de um facto, mas que se ficou por esse facto sem sair para a Natureza. Extraiu em suma uma metafísica de um facto, mas não se ergueu até à metafísica da Natureza, e o que a juventude deseja, antes de mais, é elevar-se até à natureza, antes de se deixar esmagar pela parte económica dos factos.

Mas, se essa juventude é favorável a a que se organize a matéria, é também a favor de que se organize o espírito.

A organização materialista de Lenine, considera-a como uma organização transitória e punitiva, pensa que essa organização materialista e punitiva é por Lenine aplicada na Rússia com uma justa crueldade. Mas, espírito matéria, matéria espírito, afirma a interdependência destes dois aspectos do seu ser. Porque ela come e, ao mesmo tempo, sente; e pensa ao mesmo tempo que come. Acusa a moderna Europa de ter inventado um antagonismo que não existe nos factos. E, se condena Marx, é apenas enquanto europeu, e porque essa juventude ama o Homem, mas o Homem todo, a fim de o salvar do Homem.

Na sua nova ideia da cultura, uma ideia há contra o progresso. A ciência moderna ensina-nos que nunca houve matéria e, ao fim de quatro séculos, regressa à velha ideia alquímica dos três princípios — o enxofre, o mercúrio e o sal — a que chama energia, movimento, massa. Pode dizer-se que não há necessidade de se falar em progresso.

E tudo isto manifesta uma ideia superior da cultura, mas para que tal cultura exista é preciso estilizar muitas ideias, ideias que são ídolos; se estamos decididos a quebrar os ídolos antigos, não podemos deixar que nasçam outros sob os nossos pés.

Essa juventude não quer ser aldrabada e quando se diz que os tempos mudaram e que um intelectual e um poeta não podem hoje ignorar o seu tempo, ela responde que esse conceito de intelectual e de tempo estão errados.

Ela não separa os intelectuais do tempo, e os intelectuais não se separam do seu tempo e, da mesma forma que o seu tempo, também eles pensam que o espírito não é uma coisa vazia, nem que a arte só vale pela sua necessidade. Mas para eles esta ideia de uma acção necessária não quer dizer substituição da acção.

Há uma maneira de se entrar no tempo sem nos vendermos às potências do tempo, sem prostituirmos as nossas forças de acção às palavras de ordem da propaganda: «Guerra à guerra, frente comum, frente unitária, frente única, guerra ao fascismo, frente anti-imperialista, contra o fascismo e a guerra, luta de classes, classe por classe, classe contra classe, etc., etc.»

Há ídolos de estupidificação que são utilizados na gíria da propaganda. A propaganda é a prostituição da acção e, para mim e para a juventude, os intelectuais que fazem literatura de propaganda são cadáveres perdidos para a força da sua própria acção.

Um intelectual age sobre o indivíduo e sobre a massa e na sua unânime acção de massa há uma ideia cultural sobre as forças do indivíduo. A juventude quer que se lhe dê uma ideia da economia das forças do Homem sem a sua acção sobre os indivíduos. Há uma técnica para desencadear as forças do homem, tal como há na medicina chinesa uma técnica para se curar o fígado, o baço, a espinhal-medula ou os intestinos, bastando para tanto tocar à superfície do corpo em certos pontos também físicos, mas muito distantes do fígado, do estômago, da medula ou dos intestinos.

Tal como o mundo tem a sua geografia, também o homem interior tem a sua geografia que é uma coisa material. Mas o materialismo dialéctico de Lenine receia este modo profundo de conhecer a geografia.

Mas uma cultura profunda não tem medo de nenhuma geografia, mesmo quando a procura dos continentes inexplorados do homem pode levar à vertigem ou desembocar na imaterialidade da vida.

A verdadeira cultura ajuda a sondar a vida e a juventude, que deseja restabelecer uma ideia universal da cultura, pensa que há locais predestinados para fazer brotar fontes de vida e olha ao mesmo tempo para o Tibete e para o México. A cultura do Tibete só vale por aquilo a que no Livro dos Mortos do Egipto se chama os cadáveres, os Derrubados. Pelo contrário, a antiga cultura do México vale por fazer brotar os sentidos interiores da sua barreira. Faz ressuscitados.

Toda e qualquer cultura verdadeira se apoia na raça e no sangue. O sangue índio do México conserva um antigo segredo da raça e, antes que a raça se perca, penso que é preciso procurar a força desse antigo segredo. O México actualmente copia a Europa, mas eu acho que é a civilização da Europa que tem de pedir os segredos ao México. A cultura racionalista da Europa faliu e eu vim às terras do México procurar as bases de uma cultura mágica que é possível fazer brotar das forças do solo índio.





As comunidades rurais devem ser experiências / vivências de se pôr em ação o homem "novo" ; o homem cósmico que tem um grau de consciência mais amplo no que diz respeito à sua / própria natureza e manifestação; que todos somos um e que estamos em permanente evolução, que não podemos evitar. Os sistemas solares, os planetas, os

seres nele viventes , os reinos da natureza, os elementos físicos e os átomos, todos intimamente relacionados entre si formando a / eterna vida.

E, obviamente fazem parte deste infinito pulsar, o homem deverá, junto com "seu" planeta e as formas de vida nele manifestadas, avançar em nível de evolução.

Portanto as comunidades rurais antes de estarem no campo, devem estar na consciência da cada um onde quer que esteja mos pois não adianta sair da cidade e ir para o campo pensando encontrar uma comunidade se carregamos nossos valores / dentro de nós mesmos.

Estas se caracterizam como um núcleo tendendo à auto-suficiência, de pessoas / que se ajudam e respeitam mutuamente, sabendo não possuímos nada nem sermos possuídos por nada, lembrando o chefe índio em sua expressão :

"...a terra é de todos e ao mesmo tempo de ninguém!...". Todos se auxiliam para que cada um encontre suas próprias verdades na interação com a vida, tendo consciência de que a educação do ser se dá a todo instante, uns relatando sua experiência a outros, independentemente de sua forma de manifestação, lugar ou hora, auxiliando-se na evolução. Cada Ser sendo um universo em si mesmo tem sua experiência própria / que não coincide com nenhum outro Ser e este, exteriorizando-a já a transforma em relativa pois já não estará mais fazendo parte de "si" e sim de um contexto diferente, sujeito à mais influências.

O homem cósmico sabe que a energia que absorve fará parte de si e portanto seu alimento deverá ser o mais próximo da pura luz, em amplo sentido. Eis também um fator por ser "rural";

nos campos a harmonia da natureza ainda se faz presente e contrastando com as cidades, evidencia-se a expressão criadora e nestas últimas a destruidora é bem mais intensa, manifestando-se nas condições de vida criadas pelos homens iludidos com falsos valores egoísticos, pensando serem eles donos de tudo, dos próprios filhos, da esposa, da cidade, da terra, do ar, da água, da chuva, do sol dos outros seres e até da Verdade(!), esquecendo que esta é somente sua e que deve descobrir por si próprio. Numa comunidade (no sentido de agrupamento de pessoas) as atitudes de cada um influenciam no todo, até este um. É muito comum encontrar / pessoas reclamando culpando os que rodeiam esperando que façam algo, sem se preocuparem se eles próprios estão cooperando e auxiliando o Todo. Sem falar na maneira das cidades que

se manifestam em todos os níveis: ar poluído, barulho em excesso, alimentos deturpados e contaminados, energias densas (pois exprimem os sentimentos das criaturas que nela vivem) e "sugados" em geral.

É tempo de despertar! Precisamos nos lembrar de nosso papel e do que somos nesse contexto todo da vida da no planeta Terra. So-

mos uma grande família e evoluímos juntos. AME. SE! AME A VIDA!

Alexandre Mazza (107-B).

pobres.

Por isto eu não quero nada, disse Hincey. Eu sei que um dia eu posso morrer porque comigo não tem ninguém. Eu estou só e mais só do que nunca. E só. Somente. Só. Sem olhos pro reconhecimento. E eu digo que não quero nada, nada de nada. Apenas fico em dúvida entre planejar ou destruir. Jogar ' dinamite ou morrer, como os terroristas que matam sem explicar.

Eu quero que a Nicaraguá afunde. Que os dois sumam. Que não reste mais nada. Um planeta só para mim.

A massa amorfa chora. Para ela não resta nada a não ser chorar ou ter sua voz amplificada. Mas para mim isto não quer dizer nada.

Enquanto isto...

O opositor senta em seu gabinete e apresenta uma carta de princípios. Seu revólver é ideológico e suas balas explicativas. Por isto não é de se estranhar que eles promovam a vida e promovam a morte. Os opositores dizem sim. As vezes dizem não. Sua carta de princípios contém os mortos e os vivos. Na verdade eles estão perto dos bandidos. Mas prá eles há futuro.

Hincey ouviu tudo isto. Um réporter tirou sua fotografia mas na foto não saiu ninguém.

Você não tem nada.

Você não tem casa.

Você tem minha alma.

Mas isto está longe. É outra história.

Seu destino é saquear as ruas. O cardeal no rádio disse: Calma. E tristemente a professora também.

O que se pode dizer para alguém que está sangrando no chão? A oposição fala, mas isto é merda que aumenta a merda.

Na verdade você está morto.

Pique tranquilo disse um guarda. A maior das filó-

sofias termina com um tiro no crânio. Eu sou um grande filósofo. Eu tenho a arma na mão. Eu sou fraco e morféctico mas minha mão aguenta uma arma. Deixe comigo, eu coloco as coisas no lugar.

Ele era a situação.

Então eu entendi a função dos três personagens :
1- a situação; 2- a oposição em situação; 3- eu no cemitério, disse Hincey. Mas sua voz não teve ouvidos. Inútil dizer porque.

VEM

AT

Não sei se todos sabem, mas a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP é composta pelos Departamentos História, Geografia, Letras, Ciências Sociais e Filosofia.

Como frequentemente acontece, apagou-se de nossa memória histórica que há menos de 15 anos tínhamos um espaço comum aos alunos destes vários departamentos — o GRÊMIO DA FILO.

Neste momento frente à impossibilidade de recriar o Grêmio, alguns alunos dos vários cursos têm se preocupado em criar um novo lugar comum: um jornal — SETOR VERMELHO.

Primeiro passo para diminuirmos a compartimentação da nossa área, que tanto faz parecer não vivermos os mesmos problemas, ou seja, o da democratização do departamento, da convivência... ou ainda trocarmos informações, trabalhos, artigos, enfim o que se quiser, pois o que importa mesmo é que este espaço comum seja garantido.

Quem estiver afins de participar da elaboração do jornal — SETOR VERMELHO apareça no Centro Acadêmico da Filosofia. Até breve,

Antonia (história)

**SETOR
VERMELHO**